

CASTRO ALVES, O POETA CONDOREIRO, E A GUERRA DO PARAGUAI



ANTÔNIO TÂNGARI FILHO
Capitão-de-Corveta (IM-Rep)

SUMÁRIO

Introdução
O poeta e sua fixação pelo mar
O poeta e a Guerra do Paraguai
Conclusão

INTRODUÇÃO

No Brasil do século XIX floresceram grupos de intelectuais – artistas plásticos, poetas e escritores – altamente influenciados por ideais românticos e libertários, advindos da Revolução Francesa. Estes intelectuais contavam com o acesso à cultura européia, proporcionado por intercâmbios entre as academias nativas e as de além-mar, em especial as das terras lusitanas.

Por meio da leitura de escritores e poetas europeus, como Lamartine, Vitor Hugo,

Byron, dentre outros, por cujas obras se interessavam avidamente, lograram atingir um grau de cultura ímpar, considerado o estágio da educação do povo brasileiro na época.

Naqueles grupos se incluem os poetas chamados “condoreiros”, de verve inflamada, que utilizavam marcantes figuras de imagem, citando muitas vezes o condor – ave dos Andes cujos vôos eram ilimitados –, ao qual eram comparados os devaneios das suas criações.

Antônio Frederico de Castro Alves, filho de médico bem-sucedido e cuja mãe, que tinha nas veias sangue cigano, des-

cendia de um militar que pelejou nas lutas pela independência no interior da Bahia, conhecido como "Periquitão" por ter co-

mandado um grupo de voluntários fardados de verde, é considerado um dos maiores poetas brasileiros.



*Dr. Antônio José Alves,
pai de Castro Alves.*



*Dona Clélia Brasília da Silva Castro,
mãe de Castro Alves.*

Segundo relata Pedro Calmon, eminente estudioso da vida do poeta, ele não gostava do nome Frederico, e assinava Antônio Castro Alves.

Castro Alves nasceu na Fazenda Cabaceiras, freguesia de Muritiba, da comarca de Cachoeira, Bahia, próximo de Salvador e às margens do Rio Paraguaçu. Atualmente, a cidade leva o nome de Castro Alves, justa homenagem a seu filho mais ilustre.

Apesar de ter vivido pouco mais de 24 anos (14/3/1847 a 6/7/1871), é tido como o

mais lídimo representante dos condoreiros, como bem mostram diversas de suas obras.

Marcante para a denominação com que ficou conhecido é o verso famoso do poeta:

"...A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor..."

Com ele inicia o poema "O Povo ao Poder", escrito em protesto contra a interdição da praça aos manifestantes (nacionalistas e partidários da instituição de uma República no Brasil) que desejavam fazer sair um navio português arribado ao porto.



1847, 14 de março (signo de Peixes): nasce Antônio Frederico de Castro Alves, na Fazenda Cabaceiras, freguesia de Muritiba, comarca de Cachoeira, Bahia. Literariamente o Poeta passaria a assinar A. de Castro Alves.

À época, Castro Alves encontrava-se estudando no Liceu do Recife, junto com seu irmão José Antônio, também poeta e precocemente falecido. Embora se possa julgar ter sido numa praça de Salvador, na verdade o ato de força ordenado pelo comandante da Milícia se deu no Recife, em cujo Liceu surgiram as primeiras manifestações públicas das qualidades de poeta e eloquente oratória de Castro Alves.

E continua:

"...Senhor!... pois quereis a praça?
Desgraçada a população
Só tem a rua de seu..."

Aquele verso conquistou o povo, chegando até os nossos tempos, em música popular de grande sucesso. O poema completo foi publicado no Recife, no jornal *O Tribuno*, em 18 de dezembro de 1865.

Não bastasse tal manifestação, ao percorrermos as obras completas de Castro Alves, que em vida publicou apenas um livro de poesias – *Espumas Flutuantes* –, editado e reeditado um sem-número de vezes, nos deparamos com as imagens figuradas de grandes aves dos Andes, e do condor repetidamente.

Da série de poesias "Os Escravos", podem ser citados:

– "O Século" (agosto de 1865), onde critica até o Papa no trecho "Quebre-se o cetro do Papa / Faça-se dele – uma Cruz! / A púrpura sirva ao povo / Pra cobrir os ombros nus. / (...) / Moços ao topo dos Andes, / Pirâmides vastas, grandes, ..."; e

– "Confidência" (outubro de 1865), onde clama contra os tribunos e até contra os padres, que convivem com a escravidão, em trechos mordazes como, "Sim... quan-

do vejo, ó Deus, que o sacerdote / As espáduas fustiga com o chicote / Ao cativo infeliz/ (...) / Eu vejo um negro abutre que esvoaça, As asas desdobrar ...".

De outra série de poesias, "A Cascata, ou Cachoeira de Paulo Afonso" (concluída em abril de 1870), destaca-se "No Monte", poema em que ecoa o clamor de Castro Alves contra a escravidão, abolicionista precursor que foi: "Ai! Que pode fazer a rola triste/ Se o **gavião** nas garras a espadaça?"

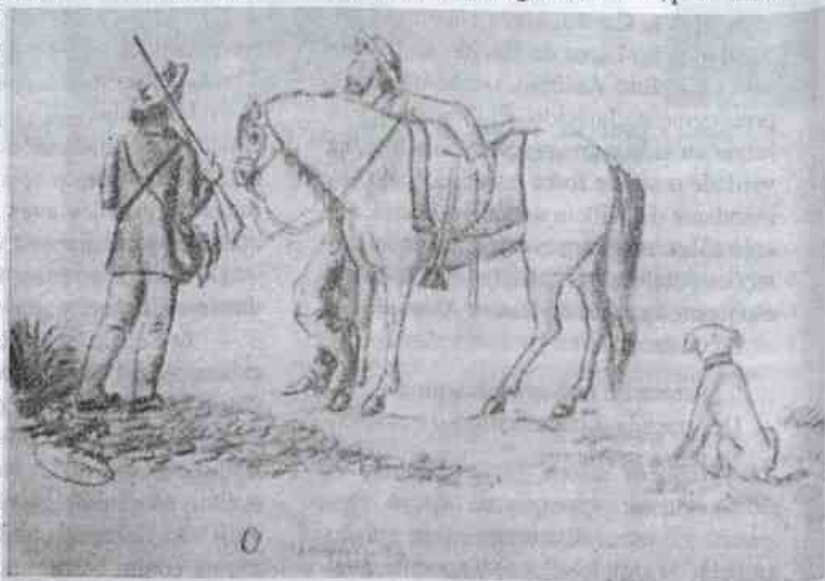
No poema "Pedro Ivo", escrito no Recife no ano de 1865, ode dedicada à data de 2 de julho de 1823, em que as tropas lusas abandonaram Salvador, se faz notar a figura de imagem recorrente, no trecho em que menciona a idéia de se instituir o regime republicano (Castro Alves sendo também pioneiro, como o foi ao pregar o abolicionismo): "República!... Vão ousado / Do homem feito **condor**! / Raio de aurora inda oculta / Que beija a fonte do Tabor!".

No poema "O Livro e a América", de agosto de 1867, um dos primeiros que fez constar do seu livro *Espumas Flutuantes*, as imagens fortes são características do estilo pujante de Castro Alves, como nessas estrofes: "Disse um dia Jeová: / Vai, Colombo, abre a cortina / da minha eterna oficina... / Tira a América de lá / (...) / E os **Andes** putreficados, / Como braços levantados, / Lhe apontam para a amplidão. / (...) / O secl'lo que viu Colombo / Viu Guttemberg tam-

bém / Da Alemanha o velho obreiro / A Ave da imprensa gerou... / (...) Oh! Bendito o que semeia / Livros... livros à mão cheia... / E manda o povo pensar!"

Castro Alves, pugnando pela educação do povo brasileiro, se apresenta como um visionário. Infelizmente, passados mais de cem anos, as elites políticas do Brasil, em especial as do Nordeste, que bem conhecia, não foram ainda convencidas da importância do livro e da educação para se forjar uma Nação forte, sem preconceitos e sem tanta injustiça e miséria.

Finalizando esta Introdução, deve ser registrado que Castro Alves foi, além de poeta e escritor, um grande patriota, revolucionário, abolicionista, republicano, orador inflamado, embora estudante de Direito não muito bem-sucedido. Apesar de culto, inteligente e com excelente formação no que hoje chamamos de Ensino Médio, não logrou concluir o Curso de Direito (chegou até o 4º ano), interrompido por vários motivos, dentre os quais sua paixão pela dama do teatro Eugênia Câmara, problemas



O Poeta também desenhava. Eis uma boa amostra de sua habilidade: *Os Tabaréus*.



Salvador: casa da Boa Vista, com sua velha torre (fim do século XVIII), onde morou Castro Alves.

de saúde – um incidente de caça em que feriu o pé e as crises pulmonares que o levaram à morte ainda jovem – e sua extrema dedicação ao labor de escrever.

Castro Alves deixou obras de dramaturgia – *Gonzaga* ou *A revolução de*

Minas – e de poesia lírica e romântica – “O Gondoleiro do Amor – Barcarola”, e foi também exímio desenhista.

Em apenas sete anos de atividade pública (1864 a 1871), foi vasta a sua produção, quase toda ela constante do livro

Obras Completas de Castro Alves, comemorativo dos 50 anos de seu falecimento. Afrânio Peixoto, que comentou e anotou a edição, assim definiu o poeta: "Lírico do amor e da natureza".

O POETA E SUA FIXAÇÃO PELO MAR

Nascido no interior, antes de completar 8 anos Castro Alves mudou-se com a família para Salvador. Moraram então em um pequeno sobrado, situado na Rua do Rosário nº 1, onde nasceu, em 22 de março de 1854, a sua irmã predileta, Adelaide, gran-

de incentivadora e que guardou boa parte de suas obras inéditas.

O pai de Castro Alves sentia que a capital necessitava de um hospital, e com esta intenção comprou a roça da Boa Vista em 1859, que antes pertencera a um traficante de escravos. A casa possuía duas torres de três pavimentos, de onde se avistava o mar e os navios que chegavam e partiam. Ali começou o contato do poeta com o mar.

Das muitas lembranças desta época, escreveu o poeta "A Boa Vista" em 1867, em que não poderia faltar a referência às grandes aves, às torres e ao mar:

"Como a águia, que do ninho talhado no rochedo
Ergue o pescoço calvo por cima do fraguado,
- (P'ra ver no céu a nuvem, que espuma o firmamento,
E o mar que espuma ao látego do vento...)
Longe o feudal castelo levanta a antiga torre, ..."

Este belo poema, que lembra a sua juventude, constou da primeira edição de *Espumas Flutuantes*, mostrando a sua íntima ligação com o mar.

Vários outros fatores foram determinantes da obsessão do poeta pelo mar, para não se falar da imaginação, sempre influenciada pelos autores da Europa. Um desses fatores, de natureza geográfica, e natural na época em que viveu o poeta, é que por terra só se faziam pequenas viagens ao sertão. A ligação entre as principais cidades, especialmente as freqüentadas por Castro Alves (Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo - via Santos) eram feitas de navio. E o poeta, embora pela Europa viajassem somente através da imaginação, fez incontáveis viagens de navio, muitas delas mencionadas em seus escritos. E na sua pregação abolicionista criticava o tráfico de escravos, que era feito pelo mar, através dos navios negreiros.

O poeta ficou órfão muito cedo. Sua mãe também morreu de problemas pulmonares, logo após a mudança para a Boa Vista. Ironia do destino... o Dr. Alves contraiu segundas núpcias com a viúva de um português que dedicou boa parte de sua vida a traficar escravos em seus navios. Nem por isso, embora criado pela madrastra e mantido nos seus estudos pela bondosa senhora após o falecimento de seu pai, calou no peito os seus sentimentos abolicionistas e sua inflamada pregação contra o tráfico de escravos.

Em um de seus mais belos e importantes poemas, "Tragédia no Mar ou O Navio Negreiro", há trechos que são verdadeiros libelos contra a ultrajante atividade e de exaltação à vida no mar. Seu texto completo consta da obra *Os Escravos*, publicada *post-mortem*.

Assim começa Castro Alves esta bela página de nossa literatura, escrita em São Paulo no ano de 1868:

"Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
 Brinca o luar – dourada borboleta –
 E as vagas após ele correm... cansam
 Como turbas de infantes inquietos....".

E continua:

"Homens do mar! Ó rudes marinheiros
 Tostados pelo sol dos quatro mundos!
 Crianças que a procela acalentara
 No berço destes pélagos profundos!".

E vergasta impiedosamente os traficantes de escravos:

"Era um sonho dantesco... O tombadilho,
 Que das luzenas avermelha o brilho,
 E sangue a se banhar,
 Tinir de ferros... estalar de açoite...
 Legiões de homens negros como a noite
 Horrendos a dançar...

(...)

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus!
 Se é loucura... se é verdade
 Tanto horror perante os céus...".

Castro Alves, nesta sua mais veemente contestação, escrita em abril de 1868, diz ainda:

"Auriverde pendão da minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra,
 E as promessas divinas de esperança...".

Para enfaticamente encerrar:

"Levantai-vos heróis do Novo Mundo...
 Andrada! arranca esse pendão dos ares!...
 Colombo! Fecha a porta dos teus mares!...".

Para mais enfatizar a idéia de sua obsessão pelo mar, não será demais lembrar que ao único livro de poesias que Castro Alves logrou publicar em vida, podemos dizer a sua obra mais querida, deu o título de *Es-pumas Flutuantes*.

O POETA E A GUERRA DO PARAGUAI

Castro Alves não foi apenas um jovem sonhador, que escrevia atropeladamente, sem preocupação com a correção da lin-

guagem, como ousaram alguns poucos críticos dizer, para depois até reconhecerem injusto tal julgamento. Sua peça *Gonzaga* foi recomendada e enaltecida por José de Alencar, em carta a Machado de Assis.

Também não foi um brasileiro preocupado com os destinos da Pátria apenas no correr da pena ou na oratória. Quando chamado a tomar atitude em defesa dos interesses do País, não se furtou.

Era acadêmico no Recife quando ocorreu o chamado para a libertação de Uruguaiana, tomada que fora pelo Coronel Estigarribia em 8 de agosto de 1864, na campanha provocada pelo ditador Solano López.

Como no momento atual, as Forças Armadas em geral e a Marinha em particular não estavam totalmente aparelhadas para a guerra, tanto em matéria de equipamentos quanto em matéria de recursos humanos. O Visconde de Ouro Preto, político da província de Minas, e nomeado Ministro da Marinha durante a Guerra do Paraguai, expôs em relatório apresentado em 1868: "As circunstâncias imperiosas, que inopinadamente nos rodearam e ainda pesam sobre o País, vieram despertar-nos do pesado letargo, em que jazíamos, e fazer-nos reconhecer que nos exporemos à guerra, descuidando-nos durante a paz".

Sábias e atuais palavras, que continuaram a ser repetidas pelas autoridades na-

vais e que infelizmente não são ouvidas com a devida atenção pela sociedade.

Para suprir a deficiência de pessoal então existente naquele ano de 1865, foram abertas na Faculdade de Direito do Recife inscrições para o voluntariado, e tanto estudantes quanto lentes acorreram ao chamado patriótico. Dentre eles estava Castro Alves. Foi formado um Batalhão, que contou com ajuda material, financeira e até de um navio para o transporte, tudo custeado por inúmeros cidadãos que, com idade avançada e incapacitados para lutar, dessa forma davam a sua colaboração ao esforço de guerra. Dentre eles estava o Dr. Alves, seu pai, e seu tio João Evangelista de Castro. Era a sociedade civil socorrendo a imprevidência dos políticos, a quem caberia zelar pela nossa soberania, atendendo aos pedidos de recursos solicitados insistentemente pelos responsáveis por manter o nosso Poder Militar.

Mas, em razão de sua doença no pulmão, o alistamento de Castro Alves não foi aceito. Como disse Pedro Calmon, "faltava-lhe para ir à guerra o peito sadio dos companheiros robustos. Não podendo ser Aquiles. Seria Homero...".

Assim, Castro Alves enalteceu os companheiros estudantes com versos de grande apelo patriótico, como "Aos Estudantes Voluntários":

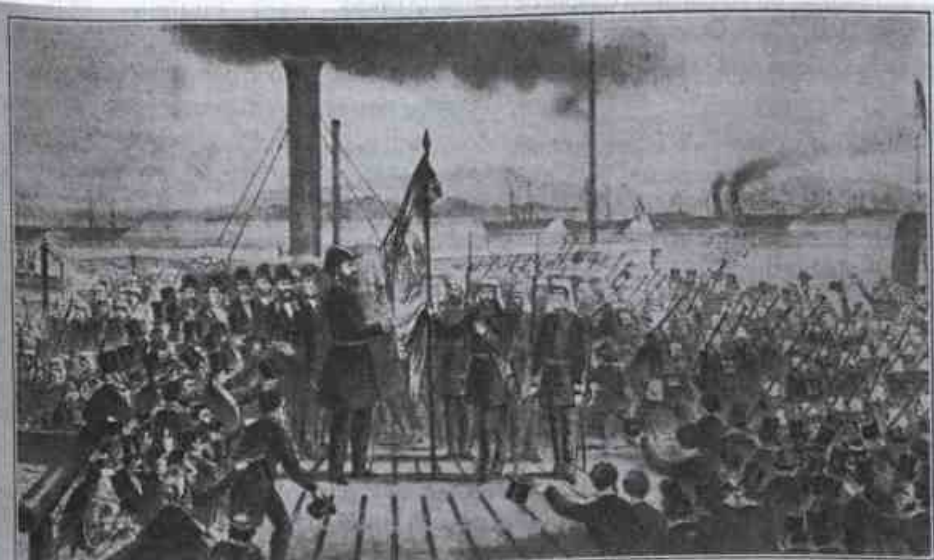
"O Céu é alma... o relâmpago
É uma idéia de luz,
Que importa os raios trovejem
Nas florestas do existir!
Parti, pois! Homens do livro!
Podeis ousados partir!
Pois sereis... vindo com glória,
Ou morrendo na vitória...
Homens do livro da História
Dessa Bíblia do porvir!"

Os versos completos foram publicados no *Jornal do Recife*, em 21 de agosto de 1865.

Com o Batalhão seguiu um dos grandes amigos de Castro Alves, Maciel Pinheiro,

a quem dedicou outra obra-prima, "A Maciel Pinheiro", poema também conhecido como "O Peregrino Audaz", que incluiu no seu livro *Espumas Flutuantes*, do qual sobressaem os seguintes trechos:

"Partes amigo do teu antro de águas,
Onde gerava um pensamento enorme,
(...)
Deus acompanhe o peregrino audaz.
(...)
E eu, cujo peito como u'a harpa homérica
Ruge estridente do que é grande ao sopro,
Saúdo o artista, que ao talhar da glória,
Pega da espada sem deixar o escopro.
(...)
Deus acompanhe o peregrino audaz."



EMBARQUE DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA ❖ Com o entusiasmo magnífico dos seus filhos, o Brasil pôde levar diante e com êxito a desafiante do insulto que sofrera. A gravura representa o embarque do contingente da Guarda Nacional da Corte, sob o comando do tenente-coronel Francisco Leão Cohn. (M. H.).

Na sua proposição de procurar ser Homero, já que não pudera ser Aquiles, nunca esqueceu Castro Alves de enaltecer os bravos brasileiros que pugnavam, e morriam, pela Pátria nos Pampas e nos charcos paraguaios.

Em 31 e outubro de 1867, tendo sido promovido um espetáculo beneficente para angariar fundos em favor dos órfãos da guerra, em pleno Gabinete Português de Leitura de Salvador, Castro Alves recitou o emocionante apelo à caridade e ao patri-

otismo, que se imortalizou na poesia
 “Quem dá aos pobres empresta a Deus”.

Essa poesia, que faz parte do
 livro *Espumas Flutuantes*, é com-

posta de estrofes que tocam o
 coração como se fossem dedos
 dedilhando uma harpa estridente.
 Assim se inicia:

“Eu, que a pobreza de meus pobres cantos
 Dei aos heróis – aos miseráveis grandes –
 Eu, que sou cego – mas só peço luzes...
 Que sou pequeno – mas só fito os Andes...”

E continua...

“Duas grandezas neste instante cruzam-se!
 Duas realezas hoje se abraçam!...
 Uma – é um livro laureado em luzes...
 Outra – uma espada, onde os lauréis se enlaçam
 Nem cora o livro de ombrear c’o sabre...
 Nem cora o sabre de chamá-lo irmão...
 Quando em loureiros se biparte o gládio
 Do vasto pampa no funéreo chão.”

Magnífico exemplo de interação entre
 os intelectuais – representados pelo livro
 – e os defensores da Pátria – representa-
 dos pelo sabre. Castro Alves mostra às
 gerações de brasileiros que não pode ha-

ver o tipo de injusta tentativa de dissociar
 os militares da sociedade e da defesa da
 Nação.

E Castro Alves diz ainda em sua bela
 poesia:

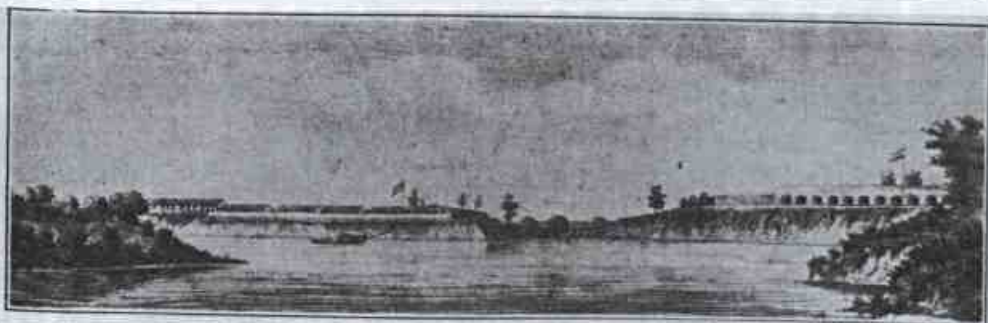
“Mas, já que as águias lá no Sul tombaram
 E os filhos d’águias o Poder esquece...
 É grande, é nobre, é gigantesco, é santo!...
 Lançai – a esmola, e colhereis – a prece!
 Oh! Daí a esmola... que do infante lindo
 Por entre os dedos da pequena mão,
 Ela transborda... e vai cair nas tumbas
 Do vasto pampa no funéreo chão.”

Os registros históricos nos dão conta
 de que na Guerra do Paraguai, só na Mari-
 nha, de 4 de agosto de 1864 até 31 de março
 de 1870, perderam-se por morte em comba-
 te e moléstias 1.727 vidas de heróicos bra-
 sileiros. Autores há que mencionam ser de
 cerca de 50 mil brasileiros o número dos
 que caíram nos campos de batalha ou ata-

cados por males diversos, como o impalu-
 dismo e doenças pulmonares.

Nosso poeta por certo estava por de-
 mais sensibilizado com tal sacrifício quando
 se inspirou para escrever essa obra-prima.

Corria o mês de fevereiro de 1868 e Cas-
 tro Alves se encontrava no Rio de Janeiro,
 colhendo os louros da excepcional acolhi-



FORTIFICAÇÕES DE HUMAITÁ. ✧ *Vista de uma parte das baterias, fortificações e armazéns, tirada de bordo do "Lima Barros" rio dia 5 de Setembro de 1867. (M. H.).*

da de sua peça teatral *Gonzaga ou A Revolução de Minas*, quando a cidade foi aliviada com as boas notícias de que a esquadra deixara Curupaiti e que de "bandeira erguida vomitara fogo, passando Humaitá".

Nosso Homero não poderia deixar de se juntar ao povo que delirava nas ruas com

as vitórias anunciadas. Assim, em 1º de março, ao lado de outros patriotas, recitou das sacadas do *Diário do Rio* a poesia triunfal a que deu o título de "Pesadelo de Humaitá". Esta poesia foi publicada no *Diário do Rio* de 5 de março de 1868, e dela são dignas de especial registro as seguintes estrofes:

"Dizei, condores, que voais ao norte!
Dizei, ó ventos, que do céu rompeis!
(...)
Desceu dos Andes... da Bahia altiva...
De Guanabara — esta mansão de reis...
Treme, ó cidade!... Se o Brasil caminha
O vil tirano se lhe agarra os pés...
(...)
Se pisa o Prata — Riachuelo brilha,
Se estende o braço — Uruguiana fez.
Ó vibre o pulso o derradeiro golpe,
E o vil tirano se lhe agarra os pés."

Que melhor participação na alegria da Nação brasileira do que esta manifestação do poeta, que não pôde lutar com as armas na Guerra do Paraguai? Usar a sua pena e verve inflamada para enaltecer os feitos militares, citando em especial os da Marinha em Riachuelo! Castro Alves une aqui o seu amor pelo mar à participação da Marinha na Guerra do Paraguai, através da sua poesia.

CONCLUSÃO

Cento e trinta e seis anos são passados do término da Guerra do Paraguai. Assim como agora, naquela época e em outras fases da História Moderna do Brasil, há a constante busca de equilíbrio entre os gastos públicos em geral e aqueles destinados a manter o nosso Poder Militar e de dissuasão.

Por mais que grandes nomes como Rui Barbosa, Barão do Rio Branco, e, antes deles, o Visconde de Ouro Preto, tenham clamado pelo apoio às Forças Armadas e pela necessidade de estarmos preparados para a guerra para assim vivermos em paz, teimam os políticos e alguns membros da chamada "intelectualidade" em fazer ouvidos moucos. Há ainda uma espécie de "alfvismo" com o fim da Guerra Fria, como que a querer convencer o povo brasileiro de que não há mais necessidade de Poder Militar para garantir a nossa soberania.

Castro Alves nos ensinou, com suas poesias e escritos, que não há conflito entre o livro e as armas, e ambos nunca serão prescindíveis!

Finalizando, lembro de meu falecido pai, imigrante italiano, quando me escreveu uma bela carta em 1959, a qual guardo com carinho, recomendando-me que, embora iniciando uma carreira militar, nunca me descuidasse da dedicação aos livros. Para me motivar, citou este belo verso do poeta, e com o qual encerro este modesto ensaio: "Nem cora o livro de ombrear c' o sabre... / Nemi cora o sabre de chamá-lo irmão".

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<NOMES> / Castro Alves; Guerra do Paraguai; Poesia;

OBRAS CONSULTADAS:

Na elaboração deste ensaio foram consultadas as seguintes obras, de acervo pessoal e da Biblioteca do Clube Naval, nas quais o autor obteve valiosas informações, imagens e dados históricos

- *A Guerra do Paraguay pela imagem*. Livraria Lello Editora, Porto.
- SCAVARDA, Levy (CMG); PORTO E ALBUQUERQUE, Antônio Luiz (CT); MENDONÇA, Lauro Nogueira Furtado de (CMG); FAIRBAIRN, Arnoldo Hasselmann (VA), *Navigator – Subsídios para a História Marítima do Brasil*, SDGM, 1970.
- ALVES, Castro. *Espumas Flutuantes*, Edição de 2004.
- PEIXOTO, Afrânio. *Obras Completas de Castro Alves*, 1921.
- Idem, *Castro Alves – O poeta e o poema*, 1944.
- CALMON, Pedro. *Castro Alves – O homem e a obra*, 1973.
- *Poesias de Castro Alves*. Edições de Ouro, 1965.